

Bons momentos

Dez anos de neoliberalismo deixaram problemas que só podem ser resolvidos por inflação ou por crescimento

Esqueça a economia, os dólares, o desemprego, o trânsito e a violência. Respire fundo e pense bem: o Brasil está vivendo um grande momento. O ambiente é francamente democrático. Está contaminado por excesso de acusações, investigações e revelações.

O espaço privilegiado que se dedica a notícias de corrupção desvia a atenção dos verdadeiros problemas nacionais, nivela por baixo a vida e os espaços públicos, é muitas vezes injusto e até fascista, mas está marcando o fim de uma geração de políticos e o início da nova. Gente da minha idade é grata e sabe se contentar com pouco.

Veja quantos filmes nacionais bons, excelentes e ruins estão aparecendo. É difícil alugar uma sala de teatro em São Paulo. Todas as livrarias estão ocupadas nos fins de tarde com lançamentos de livros de autores nacionais. Deixe de ler as páginas de política, vá direto ao *Caderno B* ou aos cadernos de cultura. Há coisa nova e interessante para ler.

Mais importante, estamos chegando a uma nova tese ou a uma outra síntese. O dogmatismo neoliberal dos últimos 10 anos está se esgotando. Não é nem preciso analisar os resultados – o ideário neoliberal não tem mais o que propor. Na agenda neoliberal, ficou faltando apenas tributar os inativos, o que nem entusiasmo nem promete a salvação nacional.

Os eventuais ganhos do neoliberalismo (mais telefones) já foram postos no bolso, lançados a lucro e esquecidos. Os defeitos e as mazelas – desemprego, exclusão, empobrecimento, desindustrialização – se tornaram agudos e não podem mais ser justificados como transitórios, triviais ou inevitáveis.

O novo consenso já aparece no discurso de todos os candidatos. A nova verdade surgiu lentamente. Não é vitória do debate ou da razão. O ideário neoliberal foi simplesmente se esgotando, e envelhecendo – passou a fazer parte da natureza.

Acabou porque venceu.

Ninguém mais fala em privatização. Todos criticam a abertura sem política comercial. As plataformas de todos os candidatos mencionam algum tipo de política industrial. O nosso pendur para a redução unilateral de tarifas foi se tornando indefensável diante da falta de pudor da Europa e dos Estados Unidos, que protegem e subsidiam a agricultura e a indústria. Nenhum dos candidatos fala da indústria brasileira sobrevivente como produtores de carroças ou oligopolistas.

O controle do déficit público acabou por gerar a maior dívida interna da história recente do país, ou seja, o maior déficit público acumulado na história recente do país. A privatização não renovou hábitos e atitudes do setor empresarial com relação a acionistas e consumidores. Falta luz e os novos controladores das estatais privatizadas, adotam, muitas vezes, práticas que envergonhariam as empresas familiares e as estatais brasileiras.

Dez anos de neoliberalismo deixaram problemas que só podem ser resolvidos ou por inflação – *vade retro!* – ou por crescimento. A dívida pública só pode se tornar menos importante através de uma súbita hiperinflação ou se crescermos ou reduzirmos os juros. Não é possível exigir mais superávit primário ou por mais tempo.

Escolheremos candidatos à presidência da República levando em conta a personalidade, a experiência e o ressentimento de cada um, o gosto pela democracia e o partido. Estamos vivendo um grande momento. Acabou essa história que nos causou tanto sofrimento. Estamos às vésperas de uma nova história.

Os hindus não têm uma visão linear do tempo, como os ocidentais. Para eles, história é eterna repetição de bons e maus momentos. Por isso, sempre dizem que estão num momento muito ruim, já que aguardam o futuro como momentos melhores.

Essa é a única preocupação que tenho ao afirmar que estamos vivendo um grande momento. Espero que não dê azar.